



Construção de saberes e desafios enfrentados na agricultura familiar orgânica: o caso da comunidade quilombola Dezidério Felipe de Oliveira, Dourados/MS

Construction of knowledge and challenges faced in organic family farming: the case of the quilombola community Dezidério Felipe de Oliveira, Dourados / MS

¹BALTHA, Franciele Roberto Caramit; ²BARBOSA DA PAZ, Regiane Elvira Riquena; ³GUIMARÃES, Verônica Maria Bezerra

¹Acadêmica de Direito na UFGD, Fran.caramit@gmail.com; ²Mestranda em Fronteiras e Direitos Humanos pela UFGD, regianeriquena@gmail.com; ³Professora Adjunta de Direito Ambiental na graduação e no mestrado Fronteiras e Direitos Humanos na UFGD, veroniquima@gmail.com

Resumo: A pesquisa investiga o processo de construção de saberes agroecológicos e os desafios enfrentados na agricultura familiar orgânica pela comunidade quilombola Dezidério Felipe de Oliveira, conhecida como Picadinha, em Dourados, Mato Grosso do Sul. A comunidade, além de não ter tido as suas terras regularizadas, enfrentam as consequências advindas do uso de agrotóxicos e invasão de pragas das propriedades do seu entorno. No entanto, as famílias que trabalham com o cultivo e a comercialização de alimentos orgânicos têm criado estratégias, junto com instituições parceiras, para resistir e seguir na terra com práticas relacionadas aos conhecimentos em agroecologia.

Palavras-chave: território quilombola; consequências do agronegócio; violação de direitos; diálogo de saberes; saberes comunitários.

Keywords: quilombola territory; consequences of agribusiness; violation of rights; dialogue of knowledge; community knowledge.

Introdução

A pesquisa da qual provém o presente trabalho investiga o processo de construção de saberes agroecológicos e os desafios enfrentados na agricultura familiar orgânica pela comunidade quilombola Dezidério Felipe de Oliveira, conhecida como Picadinha, no município de Dourados, Mato Grosso do Sul. A investigação científica está inserida na linha de pesquisa Direito da sustentabilidade para a agrobiodiversidade, que faz parte do grupo de pesquisa Ecofenomenologia, Ciência da Sustentabilidade e Direito.

A comunidade possui pouco mais de cento e dez anos de formação. Quando Dezidério e sua família chegaram às terras conhecidas como Picadinha, em Dourados, desenvolveram atividades ligadas ao cultivo de alimentos com base em saberes ancestrais. Desde o princípio, o modo de relacionar-se com a terra tem se mostrado diferente das práticas dos fazendeiros da região, uma vez que estes utilizam monocultivos e insumos químicos para a produção (DIAS, 2017). O reconhecimento das comunidades quilombolas foi previsto no artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição de 1988, sendo regulamentado através do Decreto 4.887/03, que tratou do procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos. Em 2005 houve



a certificação da comunidade como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares, a partir da criação da Associação Rural Quilombola Dezidério Felipe de Oliveira (ARQDEZ).

A área reconhecida pelo INCRA para a comunidade é de 3.538,6215 ha. O processo de regularização fundiária já passou pelas duas instâncias administrativas, mas há processos judiciais em andamento, obstaculizando o uso da total da terra pela comunidade, que ocupa, aproximadamente, 60 ha. De acordo com as entrevistas realizadas, são 456 pessoas que fazem parte da comunidade, mas em Picadinha moram 16 famílias, cerca de 50 pessoas. Destas, 10 trabalham com agricultura orgânica: as famílias dos irmãos Ramão, Lourdes e Vilma. Desde os anos 2000, eles começaram a trabalhar com agricultura orgânica, com um apoio inicial da secretaria de agricultura do governo municipal à época. A partir de 2005, a comunidade tem tido apoio da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD (2006) com a Incubadora de Tecnologia Social e Solidária - ITSS. Em 2014, associaram-se a Associação de Produtores Orgânicos do Estado do Mato Grosso do Sul – APOMS (2015).

Atualmente, a comercialização de alimentos é feita para a rede de ensino fundamental do município de Dourados; na feirinha da UFGD (produtos agroecológicos, orgânicos e artesanatos); na cantina do Centro de Convivência da UFGD; na Feira Agroecológica do Parque dos Ipês e na Feira do Parque Alvorada, em Dourados.

Metodologia

O caminho seguido, além da revisão bibliográfica, normativa e de dados sobre a história da comunidade, da regularização fundiária e do direito a terra, buscou uma vivência com os membros da comunidade que praticam a agricultura orgânica, em especial, os irmãos Ramão, Lourdes e Vilma, que são bisnetos de Dezidério Felipe de Oliveira. Nesse sentido, a pesquisa de campo resultou em visitas à comunidade e aos seus locais de comercialização de alimentos orgânicos; em conversas e entrevistas abertas e em registro fotográfico. Do ponto de vista institucional, acompanhou-se o papel da Associação de Produtores Orgânicos de Mato Grosso do Sul – APOMS e da Incubadora de Tecnologias Sociais e Solidárias – ITESS da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD sobre o papel que exercem no apoio das atividades da comunidade.

Resultados e Discussão

Percebe-se que a sociedade local tem consumido mais produtos orgânicos, contudo, além da desigualdade nos incentivos fiscais, creditícios e tributários para os modelos de produção de alimentos em bases agroecológicas em relação ao agronegócio prevalecente na região, alguns produtores enfrentam os desafios da regularização fundiária, como é o caso da comunidade em estudo. Diante da hegemonia do agronegócio na região, a terra em que a comunidade vive e



desenvolve suas atividades parece um oásis cercado de devastação e monocultivos por todos os lados (Figura 1).



Figura 1. Imagem aérea da comunidade quilombola Dezidério Felipe de Oliveira. Fonte: Google Earth, 2019.

A vizinhança, cujas terras estão sendo reivindicadas pela comunidade, faz uso ostensivo de agrotóxicos nos seus monocultivos de soja, milho e cana-de-açúcar. Além do risco e da contaminação para a saúde da comunidade, os plantios, principalmente, os mais sensíveis, como é o caso do tomate, sofrem com os agrotóxicos. As principais consequências visíveis quando há a contaminação de agrotóxicos, trazidos pelo vento, são sentidas pelas plantações de tomates que ficam bastante enrugadas. O tomate funciona como um bioindicador de que os níveis de agrotóxicos não são adequados. Além disso, com a pulverização aérea o cheiro é muito forte e as crianças são as primeiras a sentirem os efeitos. Além disso, há a ameaça das pragas que vêm da vizinhança e invadem os cultivos da comunidade. São os “bichinhos que sai da plantação do entorno e vem para Picadinha”. Mosca branca. Pulgão. “É terrível” segundo Lourdes.

Como as famílias cuidam das plantações quando têm praga? Para a lagarta utilizam nim; para o pulgão, fazem um composto de cebola; para a mosca branca, detergente neutro. A APOEMS tem orientado e juntos têm construído processos de aprendizagem do sistema orgânico. Segundo Ramão para trabalhar com o sistema orgânico tem que fazer uma “parceria com os insetos”. A fertilização da produção orgânica é feita por esterco de gado e de coelho, com apoio de um projeto desenvolvido na UFGD. E, também, por compostagem vegetal juntamente com a trituração do capim-napiê. Os resíduos orgânicos das famílias também são utilizados para a compostagem que são utilizados nos canteiros. A comunidade possui um sistema de irrigação que começou nos anos 2000 com o apoio do governo municipal e, depois, as famílias ampliaram e seguiram com a sua manutenção.



O Ministério Público Federal recomendou a proibição de pulverização aérea em 2005. Mas em 2019 já foram vistos aviões de pulverização na região. Em anos passados, como era uma prática mais recorrente, a comunidade perdeu plantações, como a cultura do tomate. A vizinhança segue passando muito veneno no entorno com máquinas. “Passam veneno para matar o mato e também na soja e no milho”. Principalmente, na soja. “Tem que chamar de veneno, é o nome certo. Não é defensivo”, segundo Ramão. Quando ocorre a aplicação de agrotóxicos no entorno, as “pragas”, como a mosca branca, migram para a plantação de orgânicos da comunidade.

A comunidade utiliza como estratégia a plantação de barreiras naturais para proteger a produção orgânica com um bananal para quebrar vento e com capim-napiê, conhecido também como capim-elefante. Com este, a barreira fica mais fechada como se fosse um arvoredo. É uma barreira dupla para fazer a proteção contra os agrotóxicos utilizados na vizinhança. Quem faz essa barreira são as famílias de agricultura orgânica de Picadinha. A comunidade entende que quem utiliza o agrotóxico é quem deveria ter a responsabilidade de fazer a barreira.

A água para irrigação das plantações orgânicas vem da mina no brejo e a água para o consumo humano vem do poço, contudo, não tem sido feito monitoramento da água. A análise do solo foi feita em 2018 para fins de financiamento do Pronaf. A comunidade possui poucas árvores frutíferas, devido ao limitado espaço disponível para a plantação. Da criação de animais, possuem galinhas caipiras e, recentemente, foi construído um lago para criação de tilápias, para o consumo próprio.

Conclusões

As famílias da comunidade que trabalham com produção orgânica estão ilhadas, não, apenas pela violação aos seus direitos territoriais, devido à demora no processo de regularização das suas terras, mas também pelas práticas nocivas do entorno da área em que vivem e plantam. São apenas dois hectares destinados a plantação. E, os desafios resultam em como produzir o orgânico com uma vizinhança fortemente utilizadora de agrotóxicos.

Mesmo assim, a comunidade, junto com suas parcerias, tem construído o que Leff (2012) chama de “práticas de convivência e de transformação do local onde vivem, conjugando condições ecológicas do território com a arte do manejo cultural da natureza” e o que Capra e Mattei (2018) propõem ao tornar a propriedade generativa, com “as práticas comunialistas, herdadas de necessidades do passado e adaptadas às necessidades atuais”.

Agradecimentos



Agradecemos aos descendentes de Dezidério Felipe de Oliveira, em particular ao seu bisneto Ramão e a as suas bisnetas Lourdes e Vilma que nos acolheram afetosamente em sua comunidade e nos alimentam com as frutas e verduras das suas terras e o trabalho das suas vidas.

Referências Bibliográficas

APOMS - Associação dos Produtores Orgânicos de Mato Grosso do Sul. **Manual de Boas Práticas da Rede de Agroecologia de Mato Grosso do Sul**. Glória de Dourados: APOMS, 2015.

CAPRA, Fritjof; MATTEI, Ugo. **A revolução ecojurídica: o direito sistêmico em sintonia com a natureza e a comunidade**. São Paulo: Cultrix, 2018.

DIAS, Lúnia Costa. **Comunidade Quilombola Dezidério Felipe de Oliveira**. Belo Horizonte: FAFICH, 2017.

LEFF, Enrique. **Aventuras da epistemologia ambiental: da articulação das ciências ao diálogo de saberes**. São Paulo: Cortez, 2012.

GOOGLE EARTH. **Imagem de Picadinha**. Disponível em: <https://earth.app.goo.gl/?apn=com.google.earth&ibi=com.google.b612&isi=293622097&ius=googleearth&link=https%3a%2f%2fearth.google.com%2fweb%2f%40-22.16243686,-54.97669962,458.74570468a,1361.55824709d,35y,341.04215026h,0t,0r>. Acesso em: 16 mai 2019.

UFGD. Universidade Federal da Grande Dourados. **Incubadora de Tecnologias Sociais e Solidárias** – PROEX. 2006. Disponível em: <<https://www.ufgd.edu.br/secao/incubadora-de-tecnologias-sociais-e-solidarias/index>> Acesso em: 31/03/2019.